

A estranha morte do boticário Abdias

Thales Fontes Luz

UERJ/CIÊNCIAS MÉDICAS

Com um suave deslizar e uma breve pancada simbolizando um ponto final, o doutor Trajano fechou aquela inusitada gaveta de arquivo. Diga-se, a propósito, estranho era o próprio arquivo já que guardava no interior daquela gaveta o corpo do querido Abdias, por incrível que pareça, português de nascimento.

Abdias, ou Seu Bides, como os cidadãos daquela cidade o tratavam, foi um excelente boticário durante mais de trinta anos.

— Realmente, o que acho mais difícil de explicar do que a própria morte são os hábitos que Seu Bides sempre teve... — mentiu Dr. Trajano ao meirinho, ao mesmo tempo em que acrescentava, lacônico:

— ... são, não. Eram.

— Tem razão. — acreditou o meirinho. E curioso para saber a opinião do outro, indagou:

— Por que será que sempre ia quinzenalmente ao Rio de Janeiro? E isto por mais de quinze anos! Afinal de contas, estou aqui em Novabordô há dezoito... e ele sempre viajando, para lá e para cá...

— Alegava e alegavam que, além de negócios materiais e amorosos, sempre esteve envolvido com política. Lembra-se? Chegou a ser candidato a vereador por nossa comarca, mas renunciou misteriosamente às vésperas da eleição...

Interrompendo o diálogo, o telefone tocou naquela sala que, com o arquivo e estranho continente, parecia um estilizado instituto médico-legal, ou mesmo um local de velório, apesar de inexistirem velas ou choros e tudo estar se passando na tranquilidade do descanso eterno.

— Três, oito-cinco, dois-dois, sete, dois-quatro. Com quem deseja falar?

— É da Sapataria Lesbos?

— Não senhora, é engano.

— “Obrigada e desculpa”.

Desligando o telefone, doutor Trajano, com um sorriso cí-nico, novamente abriu e fechou a gaveta do arquivo tumular e exclamou, sussurando:

— Tive uma idéia! Vamos telefonar para Lúcia Helena e pedir-lhe outra!

— Outra o quê? — indagou o meirinho.

— Outra idéia, seu anencéfalo! Precisamos enterrar Seu Abdias e sendo Lúcia Helena médica, poderá nos dar o atestado de óbito. — refletiu um tempo e corrigiu: — não para nós, mas para o engavetado e para cumprir as formalidades legais.

— Parecerá que nós é que o matamos...

— E nossa palavra? E nosso papel social nesta comarca? E o inquérito policial que será aberto? Vamos chamar, antes da polícia, a Saúde! Quer dizer: vamos telefonar para a doutora Lúcia Helena e lhe pedir ajuda.

Pegou o telefone e discou os oito números do consultório. A médica chegou ao aparelho pela secretária que já lhe havia avisado de que se tratava do advogado.

— Sim, Trajano. Como vai? Eu ando meio morta de cansaço, às voltas com corrimentos vaginais e outras pequenas calamidades ginecológicas, mas assim é a vida. Que me contas?

Decorridos uns vinte e poucos minutos, a médica estava reunida aos três, numa estranha reunião, onde quem nada falava era o que mais participava.

— Seu Bides está realmente morto! — exclamou meio sem graça a doutora, como verdadeiramente não existisse nenhuma novidade na afirmação. Novamente, com o suave deslizar e breve pancada, fecho-se a gaveta do arquivo. A voz um pouco mais categórica, disse ainda:

— É doloroso, porém tenho que solicitar uma necrópsia. É o mais correto. Morte em circunstâncias suspeitas... e a polícia, por que demora tanto?

— Não a chamamos ainda. Achamos melhor solicitar sua ajuda já que ficamos chocados com a estranheza de Seu Bides ter aparecido morto dentro desta gaveta de arquivo...

— Vivo seria pior, ele não aguentaria. Deve ser sufocante...

— Eu acho que está sufocante. Pensem bem: nós aqui e Abdias, o boticário, dentro do arquivo, morto!

— Isto!! — exclamou mais uma vez doutor Trajano e concluiu:

— Foi eliminado porque sabia demais...

— Ou de menos, contrariou o meirinho, com ares misteriosos. E perguntou: — o que acha a senhora, doutora?

Lúcia Helena tirou um engasgo, pigarreou e disse:

— Sem querer dar uma de Jerônimo Monteiro, acho que pode ter sido suicídio. Como boticário, conhecedor de fórmulas, ingeriu algo que lhe deu um tempo para entrar na gaveta do arquivo, deitar-se e esperar a morte...

— Que horror... que horror! — balbuciou o meirinho.

— Brilhante, doutora! É plenamente factível esta sua hipótese. Se bem que pessoalmente fico com uma dúvida: como teria o decujo fechado a gaveta do arquivo? — conjecturou doutor Trajano, apontando para o frio aço do móvel, ao mesmo tempo em que, para dar ênfase, franzia os olhos.

— Bem, a necrópsia, os exames e análises químicas esclarecerão tudo isso. Tratemos de chamar as autoridades policiais.

O telefone tocou novamente. Mais uma vez era engano. Ao desligar, doutor Trajano comentou:

— Esta Sapataria Lesbos deve ter um número telefônico parecido com o daqui. Aliás, estranha coincidência, pois Seu Bides era um dos sócios desta loja. Dizem que o faturamento aumentou enormemente depois que passaram a fazer propaganda na Rádio da cidade... aliás, propagandazinha idiota e rasteira, diga-se de passagem...

O meirinho, ingênuo, repetiu, cantarolando, a musiquinha do anúncio:

— “Alô, alô, gatões e gatinhos.

Sapataria Lesbos.

A entendida.

Em sapatos, sapatinhos.

E sapatões!”

Doutor Trajano, enrubescido, desviando o olhar da doutora Lúcia Helena, foi — ou melhor — tentou ser ríspido com o meirinho:

— Não seja ridículo, Carlinhos. Vamos ligar para o Comissário.

Depoimentos foram prestados, aberto inquérito e novos depoimentos prestados. Seguiu-se longa investigação. Longa mesmo porque durou anos e anos, a fio.

Hoje, na já cidade média de Novabordô, o advogado Trajano e seu amigo meirinho Carlos também estão enterrados no

Campo Santo. A doutora aposentou-se e, velhinha em sua cadeira-de-balanço, interrompe a leitura de mais uma estória policial, remoendo pensamentos:

— Como terão sidos os últimos momentos de Seu Abdias? Ah!, o querido boticário Bides... Como é o destino... Hoje, não passa de um inquérito policial inconclusivo, descansando e embolorando-se entre tantos outros num arquivo morto qualquer. Até parece que ele foi — ou quis ser — o simbolo vivo do arquivo morto!

NOTA DO AUTOR

Apesar de estar correto o pensamento da doutora Lúcia Helena em sua velhice, evitou-se digredir pelas suspeitas que sobre ela pairaram, a certa altura do inquérito. Uma investigadora da comarca vizinha, de fama de "dura", tentou sustentar ser a doutora autora de homicídio premeditado. Pela hipótese, a médica teria, na época, vida dupla, sendo homossexual, com prática tal pela capital, Rio de Janeiro, onde Seu Bides a flagrara em uma de suas viagens. A musiquinha na Rádio teria sido a provocação fatal. Isto nunca foi provado e a investigadora sofreu processo por calúnia e difamação. Já a gaveta do arquivo, soube-se poder ser fechada por dentro.